

## Contemplação e discrição segundo o autor d' *A nuvem do não-saber*\*

### *Introdução*

*A nuvem do não-saber* é um tratado sobre contemplação que terá sido escrito pouco depois de 1390<sup>1</sup>. Ao seu autor (um anónimo inglês que escrevia em vernáculo) são atribuídas mais seis pequenas obras, a saber: *O livro dos conselhos particulares*, *Epístola sobre a oração*, *Epístola sobre a discrição*, *Teologia Mística* (uma tradução do *De Mystica Theologia*, de Pseudo-Dionísio Areopagita), *Benjamim* (uma tradução e adaptação do *Benjamim Menor*, de Ricardo de São Vítor) e *O discernimento dos espíritos* (uma amálgama de dois sermões de São Bernardo<sup>2</sup>, com vários acrescentos originais<sup>3</sup>).

A tendência da crítica actual vai cada vez mais no sentido de aceitar pacificamente que tanto *A nuvem do não-saber* como os outros títulos citados se devem realmente a um só e o mesmo autor. Nesta conferência, também adoptarei essa posição, e procurarei expor brevemente o pensamento do anónimo inglês sobre as relações entre a contemplação e a discrição, recorrendo à totalidade dos escritos que lhe são atribuídos. Dividirei a minha exposição em três partes: a primeira tratará do que se deve entender por contemplação; a segunda abordará a discrição enquanto via para se chegar à contemplação; a terceira será dedicada a demonstrar que, em última análise, a própria virtude da discrição depende da graça da contemplação.

Entremos, então, sem mais delongas na primeira destas três questões.

### *1. A contemplação é caridade*

Na terminologia do nosso autor, a contemplação é normalmente designada pela palavra “trabalho” (*work*), e quem se quiser entregar a essa actividade

<sup>1</sup> Publica-se aqui o texto de uma conferência proferida pelo autor no decurso da *XXXI Semana de Estudios Monásticos*, que teve lugar em Salamanca de 30 de Agosto a 05 de Setembro de 2007.

<sup>2</sup> John P H CLARK, *The Cloud of Unknowing: An Introduction*, Salzburg, 1995, vol 1, 92.

<sup>3</sup> Bernardo de CLARAVALL, *Sermones de diversis*, 23-24: PL 183, 600-605.

do espírito terá de permanecer num estado de completa ignorância intelectual e esforçar-se por não prestar atenção a nenhuma das realidades criadas. Daí que ele afirme:

“Ao executares pela primeira vez o trabalho de que falo, só encontras escuridão e como que uma nuvem de desconhecimento [...] Por conseguinte, dispõe-te a permanecer na escuridão o mais que puderes, clamando sempre por Aquele que amas. É que, se alguma vez O houveres de sentir ou ver, na medida do possível neste mundo, tal só deverá acontecer nesta nuvem e nesta escuridão”<sup>4</sup>.

E ainda:

“Mas se chegares a esta nuvem do não-saber, para aí ficares a trabalhar como te digo, que hás-de fazer? Assim como tal nuvem se encontra em cima, entre ti e o teu Deus, assim debes colocar em baixo uma nuvem de esquecimento, entre ti e todos os seres criados. [...] Numa palavra, todas as coisas se devem ocultar sob a nuvem do esquecimento”<sup>5</sup>.

O contemplativo deve, pois, renunciar a todo o pensamento analítico, mesmo aquele que tenha a Deus por objecto. Diz o anónimo:

“... Tudo aquilo em que pensas está por cima de ti, no momento de o pensares, interpondo-se entre ti e o teu Deus, e assim tu estás longe d’Ele na mesma proporção em que houver na tua mente alguma coisa mais para além d’Ele.

Sim!, e se tanto for possível afirmar com reverência, direi que para o trabalho em questão de pouco ou nada adianta chamar ao pensamento a bondade ou a dignidade de Deus [...] Porque embora seja bom pensar na bondade de Deus, e amá-Lo e louvá-Lo por essa mesma bondade, é contudo muito melhor pensar no próprio ser nu de Deus, e amá-Lo e louvá-Lo por Ele mesmo”<sup>6</sup>.

A expressão “ser nu de Deus” designa a sua mesma essência, na qual estão compreendidos todos os seus atributos indistintamente. E para sublinhar ainda mais que a atenção do contemplativo se deve concentrar inteiramente na essência de Deus, o nosso autor diz a certa altura:

“Entende bem que, no trabalho a que me refiro, não debes considerar mais as qualidades de Deus do que as tuas próprias. Não há nome, nem sentimento, nem consideração que concorde mais e melhor com o Eterno, que é

<sup>4</sup> Os títulos originais são: *The Cloud of Unknowing*, *The Book of Privy Counselling*, *The Epistle of Prayer*, *The Epistle of Discretion*, *Hid Divinity*, *Benjamin Minor*, *Of Discerning of Spirits* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud of Unknowing and Related Treatises*, Salzburg, 1982, xiv-xv). As passagens extraídas de outros escritos que não *A nuvem do não-saber* serão traduzidas por mim expressamente para esta conferência.

<sup>5</sup> *A nuvem do não-saber*, Lisboa, 2006, 34

<sup>6</sup> *A nuvem*, ed. cit., 42

Deus, do que aquilo que se pode obter, contemplar e sentir, na cega e amorosa consideração desta palavra: 'é'. Os atributos 'bom' ou 'belo Senhor', 'doce', 'misericordioso', 'justo', 'sábio', 'omnisciente', 'poderoso', 'omnipotente' – e ainda: 'Conhecimento' e 'Sabedoria', 'Força' e 'Poder', 'Amor' e 'Caridade' (ou qualquer outro termo que possas dizer acerca de Deus) – estão inteiramente ocultos e guardados nesta curta palavra: 'é'. De facto, para Deus, ser equivale a possuir todas estas perfeições. Se utilizares cem mil expressões de ternura, como: – 'bom', 'belo' e outras palavras semelhantes –, não te afastará desta palavra: 'é'. Se as disseres todas até ao fim, não lhe acrescentarás nada. E se não disseres nenhuma, não lhe tirarás nada. Por isso, procura manter-te cego na contemplação amorosa do ser de Deus e na consideração nua do teu próprio ser, e renuncia a utilizar as tuas faculdades com o objectivo de esquadriñar algum atributo de Deus ou alguma qualidade do teu ser"<sup>7</sup>.

De resto, a concentração na essência de Deus deveria ser tão radical que levasse o contemplativo a perder a consciência do seu próprio "ser nu", da sua própria essência individual.<sup>8</sup> Por isso, o anónimo diz ainda:

"Tem por certo o seguinte: eu pedi-te que esquecesses todas as coisas, menos o obscuro sentimento do teu ser nu; mas o que eu pretendia desde o início era que esquecesses o sentimento do teu próprio ser em favor do sentimento do ser de Deus. Por isso é que demonstrei, logo à partida, que Deus é o ser do teu ser. Pareceu-me, no entanto, que ainda não serias capaz de te elevar ao sentimento espiritual do ser de Deus, devido à imperfeição das tuas impressões espirituais. Portanto, para que pudesses chegar aí de forma gradual, eu comecei por te sugerir que tratasses de 'rilhar' o sentimento cego e nu do teu próprio ser. E devias fazê-lo até que, pela perseverança espiritual nesse trabalho secreto, te tornasses capaz de um elevado sentimento de Deus. De facto, nesta prática, há-de ter sempre a intenção e o desejo de sentir Deus. Se, pois, no início, eu te pedi que revestisses e envolvesse o sentimento do teu Deus no sentimento de ti mesmo, foi por causa da tua falta de experiência e da tua rudeza de espírito. Mais tarde, porém, quando a perseverança te houver feito progredir na pureza de espírito, há-de desnudar-te, despojar-te e despir-te por completo do sentimento de ti mesmo, para que, pela graça, te possas revestir do sentimento de Deus"<sup>9</sup>.

Ao fixar-se apenas na essência de Deus, o contemplativo debate-se com um vazio intelectual. Todavia, – como diz o nosso místico – "quando a inteligência fracassa é que tem êxito, porque aquilo em que ela falha nada mais é

---

<sup>7</sup> *A nuvem*, ed. cit., 43

<sup>8</sup> *O livro dos conselhos particulares* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 80-81)

<sup>9</sup> *A nuvem*, ed. cit., 60, 120-122

do que Deus somente. Foi por isso que São Dionísio afirmou: ‘O conhecimento mais divino de Deus é o que se alcança por meio da ignorância’<sup>10</sup>.

Quando o entendimento permanece no vazio, a razão partilha da sua sorte e já não consegue sobreviver. Esta realidade vem expressa de uma forma particularmente engenhosa no *Benjamim*, que é uma leitura alegórica da história de Jacob e da sua família. Nesse tratado, Raquel representa a razão, e o seu filho primogénito, José, a discipulação, enquanto o seu filho mais novo, Benjamim, simboliza a contemplação. Ora, o que tragicamente sucede é que Raquel morre quando dá à luz Benjamim, e isso significa que a razão também está destinada a sucumbir, no preciso momento em que a contemplação nasce na alma<sup>11</sup>.

Do ponto de vista da razão e da inteligência, a contemplação nada mais é do que um olhar cego, mas do ponto de vista da vontade ela pode definir-se como um impulso de amor, que é perfeita adesão à vontade de Deus<sup>12</sup>:

“Por conseguinte – diz o nosso místico –, presta atenção ao trabalho de que falo e ao seu modo de actuar maravilhoso no interior da alma. De facto, concebido correctamente, ele não passa de um impulso súbito e como que imprevisto, que salta de repente para Deus, como uma centelha do carvão. E é maravilhoso observar a quantidade de impulsos que se podem operar numa só hora, na alma que se dispõe para tal trabalho. Numa única moção destas poderá esquecer todas as coisas criadas, súbita e perfeitamente. Mas depressa, depois de cada impulso, por causa da corrupção da carne, recai novamente em algum pensamento ou na lembrança de qualquer acção feita ou por fazer. Que importa, no entanto? Logo de novo se ergue, tão subitamente como antes”<sup>13</sup>.

Os impulsos de que se fala nesta passagem são suscitados por Deus, pois só Ele é capaz de mover directamente a vontade humana<sup>14</sup>. E este dado permite deduzir orientações precisas acerca do tipo de esforço que o contemplativo deve fazer na oração:

“Mas em que consiste esse tal esforço? – pergunta o nosso místico –. Certamente que nada tem que ver com os devotos impulsos de amor que continuamente se produzem na vontade, não por iniciativa da própria pessoa, mas pela acção de Deus todo-poderoso. Deus está sempre pronto a realizar essa obra na alma que se dispõe para isso e vem fazendo, desde longo tempo, tudo o que está ao seu alcance para se tornar apta. Mas em que consiste o referido esforço?

<sup>10</sup> *O livro dos conselhos particulares* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 88-89)

<sup>11</sup> *A nuvem*, ed. cit., 178. Aqui o anónimo cita Pseudo-Dionísio AREOPAGITA, *De divinis nominibus*, 7,3: PG 3, 872.

<sup>12</sup> *Benjamim* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 144)

<sup>13</sup> *A nuvem*, ed. cit., 136

<sup>14</sup> *A nuvem*, ed. cit., 39

Sem dúvida que todo ele se resume em calcar aos pés a memória de todas as criaturas de Deus, mantendo-as sob a nuvem do esquecimento de que já falei. Nisto reside todo o esforço, pois esta é a parte que o ser humano deve executar, com o auxílio da graça. Quanto à outra parte – ou seja, os impulsos de amor –, essa pertence a Deus somente. Por isso, prossegue com a tua parte, e eu te asseguro que Deus não faltará com a d'Ele"<sup>15</sup>.

Todavia, a contemplação nem sempre exige esforço, e pode muito bem culminar na experiência da união passiva, conforme é dito logo a seguir:

“... Quando tiveres devoção, tornar-se-á repousante e fácilmo o que dantes era muito duro, e executá-lo-ás com pouco esforço ou até sem esforço nenhum. É que por vezes Deus chegará a fazer todo o trabalho sozinho. Mas isso não acontecerá sempre, nem tão-pouco por longo tempo: só quando Lhe aprouver e da forma que Lhe agradar. E nessa altura sentirás alegria em deixá-Lo agir por sua conta!

Às vezes, nessas ocasiões, pode acontecer que Deus envie um raio de luz espiritual, que trespasse a nuvem do não-saber, interposta entre ti e Ele: assim te mostrará alguns dos seus segredos, sobre os quais o homem não tem permissão nem capacidade para falar. Então sentirás o teu afecto inflamado no fogo do seu amor muito mais intensamente do que eu posso ou quero dizer neste momento”<sup>16</sup>

Podemos concluir, então, que, na óptica do nosso autor, a contemplação é perfeito esquecimento de si e perfeita caridade. Com efeito, ao chegar aos mais altos cumes da contemplação, o orante já nem sequer está consciente da sua própria essência individual, e a sua vontade encontra-se inteiramente livre, para que Deus suscite nela uma cadeia ininterrupta de impulsos de amor. Tais impulsos, por seu lado, constituem a mais perfeita forma de caridade, pois em cada um deles o contemplativo nada mais faz do que amar a Deus por Ele mesmo, sobre todas as criaturas, e amar o próximo como a si mesmo, por causa de Deus<sup>17</sup>.

## *2. A discricção é a via para se chegar à contemplação*

Tendo concluído a minha resenha sobre a contemplação, passo agora à doutrina sobre a discricção. Também aqui terei de me contentar com uma apresentação muito sumária.

---

<sup>15</sup> *A nuvem*, ed. cit., 103

<sup>16</sup> *A nuvem*, ed. cit., 88

<sup>17</sup> *A nuvem*, ed. cit., 89

Em sentido espiritual, a discrição é, essencialmente, o juízo da razão a respeito do bem e do mal. E este conceito inspirou o nosso autor a fazer a seguinte observação, bastante pitoresca:

“... O septo que o ser humano tem no nariz, para separar uma narina da outra, indica que todo o homem deve possuir discrição espiritual, para distinguir o bem do mal, o mau do pior e o bom do melhor, antes de emitir qualquer juízo definitivo sobre alguma coisa que viu ou ouviu à sua volta”<sup>18</sup>.

Uma tal capacidade de discernir o bem e o mal, nas suas diferentes gradações, é difícil de classificar. Efectivamente, São Bernardo afirma que “a discrição não é tanto uma virtude, mas a moderadora e o auriga das virtudes, a ordenadora dos afectos e a mestra dos costumes”<sup>19</sup>. E dentro da mesma ordem de ideias, o anónimo inglês dá a entender que a discrição é uma virtude especial, pois é ela que simultaneamente gera e regula todas as demais virtudes<sup>20</sup>.

Vejam os que isto quer dizer exactamente. Só seremos capazes de compreender o pensamento do nosso autor, neste ponto, se tivermos em conta que ele define a virtude como “um afecto ordenado e medido, cujo alvo nítido é Deus por Ele mesmo”<sup>21</sup>. Assim, existem na nossa alma vários afectos – por exemplo, o amor e o ódio, a alegria e a tristeza, o temor e a esperança. A discrição não é um afecto semelhante a estes. Todavia, é graças a ela que tais afectos se tornam ordenados e medidos, isto é, se dirigem para o seu objecto próprio e não são demais nem de menos<sup>22</sup>. Portanto, “a discrição é – como diz Cassiano – a geradora, a guarda e a moderadora de todas as virtudes”<sup>23</sup>, pois é ela que transforma os afectos em virtudes e os faz permanecer como tais.

Para se alcançar a discrição, duas coisas são necessárias: por um lado, praticar durante muito tempo cada uma das virtudes propriamente ditas<sup>24</sup> e, por outro, submeter-se à direcção espiritual.

“Assim – escreve o nosso autor –, depois de muitas quedas e falhas, seguidas de vergonha, aprende-se por experiência que não há nada melhor do que ser guiado pelo conselho de outrem, pois esse é o modo mais rápido de se alcançar a discrição. Aquele que faz tudo com conselho nunca se há-de arrepender. De facto, um homem prudente vale mais do que um homem forte; sim,

<sup>18</sup> *A nuvem*, ed. cit., 83-84

<sup>19</sup> *A nuvem*, ed. cit., 147

<sup>20</sup> Bernardo de CLARAVAL, *Sermones in Cantica*, 49, 5: PL 183, 1018

<sup>21</sup> *Benjamim* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 141)

<sup>22</sup> *A nuvem*, ed. cit., 58

<sup>23</sup> *Benjamim* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 141)

<sup>24</sup> João CASSIANO, *Collatio secunda*, 4: PL 49, 528

e a perícia é melhor do que a força bruta. E um homem prudente há-de falar de vitórias”<sup>25</sup>.

Na verdade, a discrição é uma espécie de espada afiada que serve para abater os maus impulsos<sup>26</sup>. E para que ela possa exercer essa função, é necessário, antes de mais, saber discernir a origem dos pensamentos. É este o tema d'*O discernimento dos espíritos*, um pequeno tratado que ensina a identificar as diferentes “vozes” que falam no íntimo da alma, de um modo que se poderia resumir mais ou menos nos seguintes termos: se penso em satisfazer os apetites da carne, fala o espírito da carne; se penso em fazer alguma coisa que me engrandeça aos meus próprios olhos ou aos olhos dos outros, fala o espírito do mundo; se penso em coisas amargas, que me tiram a paz e a tranquilidade, fala o espírito do mal; se penso em fazer o bem, fala o espírito de Deus (directamente, ou através dos seus anjos tanto da Terra como do Céu); se consinto em algum pensamento, daí em diante passa a falar o meu próprio espírito, que assume o ofício do espírito a que dei o meu consentimento. Todavia, se, depois de ter sido absolvido das minhas faltas em confissão sacramental, voltar a ser tentado, já não será o meu espírito que fala, mas antes um dos três inimigos da alma novamente, ou seja: o espírito da carne, o espírito do mundo ou o espírito do mal.

O espírito do mundo é mais perigoso e difícil de vencer que o espírito da carne, e o espírito do mal é mais perigoso e difícil de vencer que o espírito do mundo. Além disso, o espírito do mal – que é o próprio Demónio – transforma-se às vezes em anjo de luz, e, sob a capa de virtude, nada mais faz do que semear amargura e discórdia, dissensões e calúnias. Isto acontece quando alguns se deixam atrair por uma ascese rigorosa e, julgando-se melhores do que os outros, começam a censurar abertamente as faltas do próximo.

À medida que a alma vai triunfando dos maus impulsos, que têm origem nos pensamentos, o fruto que se obtém é o auto-conhecimento. Assim sendo, pode-se dizer que a discrição é a via para chegar à contemplação, uma vez que é pelo conhecimento de si mesmo que o ser humano chega ao conhecimento de Deus. De facto, como afirma o nosso místico:

“... Por este mesmo José [ou seja, a discrição], um homem não só aprende a evitar os embustes dos inimigos, mas também é muitas vezes conduzido ao perfeito conhecimento de si mesmo. E quanto mais o homem se conhece a si mesmo, tanto mais progride no conhecimento de Deus, de quem é a imagem e semelhança. Por isso é que, depois de José, nasce Benjamim; pois do mesmo modo que José representa a discrição, também nós entendemos que Benjamim simboliza a contemplação. E ambos nasceram de uma só mãe, e foram gerados

<sup>25</sup> *Benjamim* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 141-142)

<sup>26</sup> *Benjamim* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 142)

por um único pai<sup>27</sup>. De facto, pela graça de Deus que ilumina a nossa razão, nós chegamos ao perfeito conhecimento de nós próprios e de Deus – tanto quanto isso é possível nesta vida”<sup>28</sup>.

### 3. *A discrição depende da contemplação*

Uma vez que a discrição ordena e modera os afectos da alma, para que estes se transformem em virtudes, devemos concluir que ela também determina a exacta medida das acções humanas, para que estas não registem nenhuma falha, nem por excesso nem por defeito. Mas isto confronta-nos com uma nova questão, que é a seguinte: a própria contemplação, enquanto exercício da caridade perfeita e actividade puramente espiritual, também deve ser regulada pela virtude da discrição? O nosso autor dá uma resposta negativa:

“... Se me perguntas – diz ele – que discrição há-de guardar na contemplação, a resposta que te dou é a seguinte: – ‘Nenhuma!’ – Em todas as outras acções deves usar de discrição, e.g. no comer e no beber, no dormir, em proteger o teu corpo dos extremos do calor ou do frio, nas orações ou leituras, nas conversas com o teu semelhante. Em todas estas coisas deves guardar a discrição, para evitar tanto o que é demais como o que é de menos. Mas no trabalho a que me refiro não te deves ater a nenhuma medida, pois gostaria que nunca o interrompesses em nenhum momento da tua vida”<sup>29</sup>.

Podemos encontrar um fundamento para esta posição na seguinte passagem:

“[a contemplação] é o trabalho em que o homem teria prosseguido, se nunca tivesse pecado: para essa actividade é que o ser humano foi criado, e para ele todas as coisas foram feitas com vista a ajudá-lo a progredir nessa mesma actividade, pela qual será novamente restaurado”<sup>30</sup>.

Aqui se sugere que a contemplação é uma actividade interior em que o homem encontra o seu bem e a sua justificação. Assim, a contemplação é um fim que deve ser procurado por si mesmo, e a actividade humana exterior deve ser um meio orientado para esse fim<sup>31</sup>. Ora, de tudo aquilo que é um fim, nós tentamos alcançar o máximo possível, e é apenas em relação aos meios que nos atemos a determinada medida. Por conseguinte, o ser humano deveria praticar os seus actos exteriores – e.g., comer ou beber, dormir, defender-se do calor ou

<sup>27</sup> *A nuvem*, ed. cit., 99-100

<sup>28</sup> Na alegoria do *Benjamim*, Jacob representa Deus.

<sup>29</sup> *Benjamim* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 142-143)

<sup>30</sup> *A nuvem*, ed. cit., 116

<sup>31</sup> *A nuvem*, ed. cit., 37

do frio, rezar ou ler, falar com o seu semelhante... – exactamente na medida em que eles lhe permitissem realizar o maior número possível daqueles actos da vontade que constituem a contemplação. Aliás, em vez do verbo “realizar”, melhor seria empregar aqui a locução verbal “consentir em”, pois tais actos da vontade não são outra coisa senão os impulsos de amor suscitados por Deus, de que já falámos anteriormente.

Contudo, se existe uma medida ideal para os actos exteriores, como é que ela se poderá encontrar? A este respeito, o nosso autor escreve:

“Aplica-te ao trabalho de que falo, sem pausa nem discrição, e saberás começar e acabar tudo o mais com grande discrição. De facto, se uma alma perseverar na contemplação dia e noite, sem discrição, creio que nunca se poderá enganar nos seus actos exteriores; mas se não perseverar assim, julgo que sempre se enganará.

Por conseguinte, se eu prestasse uma atenção vigilante e aturada à actividade contemplativa da minha alma, deixaria de me preocupar com o comer e o beber, o dormir e o falar, e todos os demais actos exteriores. Efectivamente, estou em crer que o que me faria chegar à discrição em tais actos externos seria a indiferença em relação a eles, e não a atenção cuidada que lhes dispensasse, como se quisesse impor-lhes limites”<sup>32</sup>.

O nosso autor dá este mesmo género de conselhos a um discípulo que se sente atraído por uma vida de rigorosa ascese, e se pergunta como é que poderá discernir, no concreto das diferentes situações, se o que mais lhe convém é falar ou guardar silêncio, jejuar ou comer, estar só ou estar com os outros. A primeira coisa que o nosso místico lhe recomenda é que, nessas matérias, não siga as inclinações da inteligência nem da vontade. Portanto, numa primeira etapa, o discípulo deverá submeter-se humildemente à oração e à direcção espiritual de mestres experimentados. Depois, quando tiver alcançado o conhecimento de si mesmo e das suas aspirações interiores, já poderá dispensar o auxílio de outrem. Nessa altura, deverá entregar-se o mais possível à contemplação, pois isso é que lhe permitirá orientar-se no seu comportamento exterior, de modo a não cometer erros. Assim, a sua única ocupação há-de ser amar a Deus, que Se encontra misteriosamente oculto no meio de actividades opostas:

---

<sup>32</sup> A actividade humana exterior deve ser orientada de tal modo que não se torne um obstáculo à contemplação; mas, em rigor, aquela nunca pode ser um meio para se alcançar esta, pois, como afirma o anónimo: “Todos os meios bons dependem da contemplação, e a contemplação não depende de nenhum meio. Além disso, também não existe nenhum meio que possa conduzir à contemplação” (*A nuvem*, ed. cit., 103).

“Escolhe-O a Ele – diz o autor inglês –: então, estarás em silêncio enquanto falas, e a falar enquanto guardas silêncio; estarás a jejuar enquanto comes, e a comer enquanto jejuas; e assim sucessivamente a respeito de tudo o mais”<sup>33</sup>.

Nesta fase mais avançada, o discípulo deixa-se guiar exclusivamente pela acção da graça, e pelo impulso de amor que lhe advém da *memoria Dei* ou recordação de Deus (*mind of God*):

“Então – afirma o nosso autor –, esse mesmo impulso de amor que te é dado sentir será perfeitamente capaz de te dizer quando deves falar e quando deves guardar silêncio. Ele te guiará sabiamente, em toda a tua vida, sem sombra de erro. E ele te ensinará misticamente como hás-de começar e acabar toda a actividade natural, com perfeita discrição. De facto, por virtude da graça, um tal impulso de amor pode tornar-se um hábito e uma prática contínua. E nesse caso, se tiveres necessidade de falar, de te alimentar como os demais, de permanecer na companhia de outros, ou de fazer qualquer outra coisa que pertença aos usos e costumes dos cristãos, ele com suavidade te moverá a falar, ou a realizar qualquer outra acção natural, seja ela qual for. E se não fores dócil, ele te ferirá o coração como um punhal, e não te deixará em paz até que lhe obedeças. Por outro lado, quando estiveres a falar, ou ocupado em qualquer outra acção natural, se for útil e necessário que guardes silêncio e te entregues a alguma prática característica de uma santidade singular – como, por exemplo, jejuar em vez de comer ou estar só em vez de permanecer na companhia de outros –, ele te impelirá a fazê-lo”<sup>34</sup>.

Em suma, segundo o autor d’*A nuvem do não-saber*, quem não for agraciado com o dom da contemplação sempre se há-de enganar de alguma forma, não só nos seus juízos, mas também nos seus actos exteriores. Portanto, em última análise, a própria virtude da discrição depende da graça da contemplação. Aliás, o nosso autor chega mesmo a afirmar que a contemplação “não só destrói o fundamento e a raiz do pecado, tanto quanto é possível na Terra, mas também gera as virtudes”<sup>35</sup>. Isto quer dizer que, nas almas perfeitas, a discrição e a contemplação se encontram tão intimamente unidas que quase se confundem uma com a outra.

### *Conclusão*

Num mundo tão dilacerado e confuso como o nosso, as pessoas têm cada vez mais dificuldade em encontrar critérios de orientação para a sua vida.

<sup>33</sup> *A nuvem*, ed. cit., 118

<sup>34</sup> *Epístola sobre a discrição* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 114-115)

<sup>35</sup> *Epístola sobre a discrição* (cf. Phyllis HODGSON, *The Cloud*, ed. cit., 117)

Mas nós, monges e monjas do século XXI, podemos ajudá-las. De facto, nós somos herdeiros de uma longa e riquíssima tradição espiritual, que nos revela os meios e os modos de alcançar a virtude da discrição. Portanto, nós temos a possibilidade – e também a obrigação moral – de mostrar aos nossos irmãos e irmãs que vivem no mundo como é que se pode chegar a discernir o bem e o mal com segurança, e como é que se pode encontrar a justa medida em todas as coisas.

Todavia, convém não esquecer um pormenor muito importante: segundo o autor d'*A nuvem do não-saber*, ninguém pode alcançar a discrição perfeita, se Deus não lhe conceder o dom da contemplação. Por conseguinte, é essencial que, fiéis ao ideal que São Bento nos propõe, busquemos a Deus de todo o coração<sup>36</sup>. Só assim é que poderemos ser sal da Terra e luz do Mundo<sup>37</sup>, e só assim é que chegaremos a brilhar como luzeiros no meio desta geração<sup>38</sup>. Na verdade, nós nunca poderemos aspirar a ser autênticos profetas, se não nos esforçarmos por ser, antes de mais e acima de tudo, verdadeiros místicos!

Lino Correia Marques Moreira, O.S.B.

---

<sup>36</sup> *A nuvem*, ed. cit., 58

<sup>37</sup> *Regula Benedicti*, 58,7

<sup>38</sup> Mt 5,13-14

